

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E COMUNICAÇÃO

A luta contra o preconceito

O reggae sob o olhar das bandas do estilo

Maria Isabel Chagas de Almeida Luchesi

Novembro de 2015

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos sob orientação do Prof. Dr. Dennis de Oliveira.

A luta contra o preconceito: o reggae sob o olhar das bandas do estilo

Maria Isabel Chagas de Almeida Luchesi¹

Resumo

O *reggae* é um elemento da cultura negra, de origem jamaicana, que chegou ao Brasil na década de 1970. O presente artigo pretende abordar essa manifestação artística como cultura, ideologia e movimento social, bem como analisar o ritmo sob o ponto de vista de dez bandas representativas do estilo.

Palavras-chave: Cultura; Cultura Negra; Reggae; Ideologia; Movimentos Sociais.

Abstract

Reggae is an element of black culture, of Jamaican origin, who came to Brazil in the 70s. This article intends to approach this artistic manifestation as culture, ideology and social movement, and analyze the rhythm from the point of view of ten great bands of this style.

Keywords: Culture; Black Culture; Reggae; Ideology; Social Movements.

¹ Graduada em Comunicação Social com habilitação em Relações Públicas pelo Centro Universitário Nossa Senhora do Patrocínio

1. Introdução

O *reggae* pode ser caracterizado como cultura a partir dos conceitos de diferentes teóricos. Raymond Williams (1958, p.2) define cultura como modo de vida. Partindo desse princípio, o *reggae* é uma construção histórica que funde música, filosofia e religião, representando o modo de vida do povo africano, escravizado na Jamaica, na década de 1960, que utilizava a música como crítica social para abordar a repressão que sofria dos espanhóis e principalmente dos ingleses, colonizadores do país.

A liberdade criativa, proposta por Eagleton (p.13, 2005), também pode ser utilizada para analisar o *reggae*, que retratava musicalmente a miséria e os problemas sociais sofridos pelos negros na Jamaica. Por meio da música, esses povos se sentiam livres, pois graças as suas canções podiam se manifestar e mostrar os seus pontos de vista acerca das desigualdades sociais enfrentadas pela humanidade há milênios. Já a partir da teoria de Thompson, pode-se definir o *reggae* como uma forma simbólica referencial a momentos passados e lembranças da África, país de origem desse povo subjugado.

A cultura tem a capacidade de transformar comportamentos e, assim sendo, o *reggae* deu a voz aos povos oprimidos nos guetos de Kingston. Essa manifestação cultural recebeu forte influência da cultura rastafári, movimento religioso, surgido na década de 1920, na Jamaica, entre trabalhadores e camponeses negros, que acreditavam que o imperador da Etiópia, *Hailê Selassiê*, era a representação de Deus, chamado por eles de *Jah*. Responsável por disseminar o rastafarianismo, o sindicalista Marcos Garvey se baseava em ideias do Velho Testamento, acreditando que a África era a terra prometida para todos os negros e, portanto, todos os povos pertencentes a essa etnia deveriam retornar ao seu local de origem. Outra característica dos seguidores da doutrina rastafári é o uso da maconha, consumida com o objetivo de purificar a alma.

É possível ainda interpretar o *reggae* como cultura a partir do conceito de Sodré.

Para as modernas sociedades ocidentais, a cultura implica, portanto, uma prática diferenciada regida por um sistema, que se entende como o conceito das relações internas típicas da realidade da produção, pelos indivíduos, do sentido que organiza suas condições de

coexistência com a natureza, com os próprios membros de seu grupo ou com outros grupos humanos. (SODRÉ, 1986, p.12)

Dessa forma, entende-se o *reggae* como a manifestação de um grupo específico, que surgiu para que esses povos pudessem verbalizar e transmitir os seus sentimentos e frustrações. Como música, o *reggae* é uma derivação de *ska* e *rocksteady*, com batida um pouco mais lenta e peculiar do que os ritmos que o influenciaram. A própria alteração rítmica do *reggae* é uma característica cultural, tendo em vista que se chegou a um ritmo mais cadenciado, para que os jamaicanos pudessem dançar, em uma região extremamente quente, que registra altas temperaturas.

O *reggae* não está inserido no contexto de cultura burguesa. É uma manifestação artística de um grupo. Para entendê-lo nessa concepção pode-se observar cultura a partir do ponto de vista de NOGUEIRA:

Cultura não se resume as manifestações artísticas de um povo, classe, comunidade ou grupo, ou seja, a dimensão de cultura não se encerra naquilo que, na cultura ocidental, com a construção da Modernidade, predominantemente sob os mandos do pensamento burguês europeu, convencionou-se chamar de Arte.

(NOGUEIRA, 2010, p. 6)

A chegada do *reggae* ao Brasil foi marcada por dois momentos, conforme aponta Albuquerque.

Jimmy Cliff cantando Waterfall, no Rio, no Festival Internacional da Canção, em 1968. Caetano Veloso no exílio em Londres. Duas pedras fundamentais na construção da sede brasileira do *reggae*. Cliff trouxe a semente, ainda em embalagem rock-steady. Caetano trouxe o fruto na bagagem de volta ao Brasil (ALBUQUERQUE, 1997, p. 147)

Contudo, no país, ao contrário da Jamaica, onde a cultura rastafári e o *reggae* caminham em conjunto, essa manifestação cultural é vivenciada apenas na música e no estilo de vida dos fãs do ritmo, que se identificam com os princípios de paz, amor e liberdade, propostos pela música consagrada mundialmente por Bob Marley.

“Em toda parte, estão emergindo identidades culturais que não são fixas, mas que estão suspensas, em *transição*, entre diferentes posições; que tiram seus recursos, ao mesmo tempo, de diferentes tradições culturais; e que são o produto desses complicados cruzamentos e misturas culturais que são cada vez mais comuns no mundo globalizado”. (HALL, 2011, p. 88)

Portanto, o *reggae* brasileiro e o jamaicano diferem em algumas características, sendo que no Brasil o estilo assumiu uma identidade própria, já que há forte influência da música popular brasileira. Dessa forma, o *reggae* brasileiro é mais acelerado musicalmente. Apenas no Maranhão, considerado a Jamaica brasileira, essa cultura do *reggae* jamaicano é mais forte e faz parte da rotina dos maranhenses, de todas as faixas etárias e classes sociais. Na capital maranhense, o *reggae* é tocado no ônibus, no táxi, na padaria, no supermercado e acontecem shows diários. Também existe a cultura das radiolas, sistema no qual o *reggae* é reproduzido por meio de muitas caixas de som, que formam uma parede.

Essa cultura é tão forte no Maranhão, que é utilizada como ferramenta eleitoral dos políticos. “Explorar a trajetória no *reggae* é a estratégia usada por vários candidatos a cargos legislativos que direcionam suas campanhas ao público regueiro” (FREIRE, Karla, 2009, p. 37).

O que há em comum nos dois países é o consumo da maconha por boa parte dos adeptos dessa cultura.

O problema central do *reggae* é o preconceito contra a cultura negra, bem como a utilização da maconha. O preconceito racial existe desde a época do Renascimento, período no qual os povos da Europa se consideravam uma raça superior a todas as outras etnias. Dessa forma, os europeus dominavam e escravizavam os negros em função das diferenças da cor da pele dos opressores e dos oprimidos.

Em 1853, ideias disseminadas do pensamento de Arthur de Gobineau, conselheiro de D. Pedro II, afirmavam que o Brasil estava fadado ao fracasso devido à quantidade de escravos e miscigenados. A partir daquele momento, a política nacional de branqueamento passou a ser defendida por elites brasileiras, que tinham como objetivo frear o crescimento das populações negras e mestiças, incentivando a imigração europeia. Os negros sofreram genocídio no Brasil e

além de não possuírem mais terra e nem família, não possuíam liberdade. Ortiz (1985, p.2) afirma que “até a abolição, o negro não existia enquanto cidadão”.

As manifestações artísticas provenientes da cultura negra proporcionaram um enriquecimento cultural ao Brasil e criaram um verdadeiro patrimônio material e imaterial no país; ressalta-se cada vez mais a variada herança cultural presente no cotidiano do brasileiro pela contribuição africana. Entretanto, no que diz respeito ao conceito de raça e identidade nacional, Ortiz (1992, p.43) aponta que “tem-se insistido muito sobre a dificuldade de se definir o que é o negro no Brasil.” Ortiz aborda ainda o cenário de exclusão do afrodescendente em setores artísticos brasileiros como a literatura, citando como o exemplo o romance “O Guarani”, de José de Alencar, que traz o índio e o branco como personagens centrais.

A arte sempre foi a única maneira de os afrodescendentes se sentirem livres e próximos aos seus ancestrais, mesmo em meio a tanto sofrimento, já que as suas práticas religiosas, danças e músicas, eram a forma que esses povos encontravam de se expressar. Contudo, os colonizadores, não aceitavam essas manifestações, e, na maioria das vezes, era necessário que as práticas se realizassem às escondidas.

Essa diversidade de práticas rituais, religiosas ou de lazer manifestadas pelos segmentos negros, escravos ou libertos, ultrapassa a compreensão das elites que, presas às orientações cristãs europeias, sempre atribuíram às manifestações dos afrodescendentes um caráter de lascividade e desordem. Legitimada entre outras coisas, por uma moralidade cristã, a escravidão impôs aos negros escravizados a imagem do pecado, controlando não apenas suas vidas, mas também seus corpos e almas.
(SILVA, 2007, p. 36)

Embora a discriminação tenha reduzido de forma significativa nos últimos anos, ainda não se pode afirmar que a sociedade atual é igualitária e que não há discriminação racial, que conforme o art. 1º, da lei n.º 12.288, de 20 de julho de 2010, significa:

Art. 1º discriminação racial ou étnico-racial: toda distinção, exclusão, restrição ou preferência baseada em raça, cor, descendência ou origem nacional ou étnica que tenha por objeto anular ou restringir o reconhecimento, gozo ou exercício, em igualdade de condições, de direitos humanos e liberdades fundamentais nos campos político, econômico, social, cultural ou em qualquer outro campo da vida pública ou privada; (BRASIL, 2010)

Na maior emissora de televisão brasileira, por exemplo, o negro esteve como protagonista pela primeira vez apenas em 2004, na novela *Da Cor do Pecado*. Onze anos se passaram e entre os personagens principais das telenovelas da Rede Globo os brancos continuam predominando.

Conforme aponta Sodré (1983, p. 100), a cultura negra é uma cultura das aparências. E essa relação entre cultura negra e *reggae* é o motivo do preconceito contra o estilo, de acordo com Silva.

Na verdade, a discriminação contra o negro não se dá por conta do *reggae*. Ao contrário, o *reggae*, a exemplo de várias outras manifestações que recebem o mesmo tratamento, é discriminado por sua identificação como “coisa de negro” e, neste sentido, é atingido também, pela desqualificação atribuída às atividades lúdicas construídas pelos grupos negros na cultura brasileira. (SILVA, 2007, p. 35).

Além do preconceito racial, o *reggae* apresenta ainda outra questão controversa, que contribui ainda mais para a discriminação da sociedade contra esse estilo musical: o consumo de maconha. Muitos ouvintes de *reggae* são apreciadores da erva, herança da cultura rastafári, que influenciou essa manifestação artística. Entretanto, o consumo da planta no Brasil é proibido e os usuários são criminalizados e tratados como consumidores de outras drogas. Assim sendo, os regueiros se sentem oprimidos, por não poderem vivenciar essa cultura no próprio país. Dessa forma, o estereótipo de “maconheiro” é atribuído aos regueiros, embora nem todos sejam consumidores da erva. Crochík (1996, p. 56) acredita que “o estereótipo é um produto cultural e para existir ele precisa que os indivíduos se apropriem dele”.

Tanto o preconceito racial quanto a relação entre *reggae* e maconha prejudicam o estilo perante a mídia, que não tem interesse em apresentar um ritmo musical composto por afrodescendentes, que usam *dreadlocks* e fumam maconha. Mais do que isso: não é interessante para os grandes conglomerados comunicacionais darem voz a artistas que promovem reflexões e críticas sociais por meio de suas músicas.

2. Do sucesso na década de 1990 ao ostracismo no início dos anos 2000

Popular em todo o Brasil na década de 1990, devido ao sucesso de bandas como Cidade Negra, Skank e Natiruts, o *reggae* atraía muitos adeptos e reunia milhares de pessoas em shows por todo o país, principalmente no estado de São Paulo. A capital paulista possuía casas temáticas do gênero musical, de norte a sul e de leste a oeste. Da avenida Faria Lima a avenida Aricanduva, passando ainda pelos guetos, o ritmo era sucesso de público. No interior, as cidades de Vinhedo e Jundiaí também possuíam casas temáticas, como o Cabana Jah e o Rancho, as quais contavam com grande movimentação aos finais de semana.

Em meados de 2000, o Circuito *Reggae* foi a mola propulsora do estilo musical. Tratava-se de uma revista que vinha com um cd e era vendida em bancas de todo o Brasil, trazendo músicas de bandas independentes. Muitos grupos se popularizaram a partir daí, como Planta e Raiz, Ponto de Equilíbrio, Leões de Israel, entre outras. Devido ao sucesso, a K-Roots, idealizadora do projeto, passou a organizar eventos do Circuito *Reggae*, onde se apresentavam as bandas que se tornaram conhecidas pelos CDs. Paralelamente, a cidade de Vinhedo, recebia anualmente os eventos Tributo a Bob Marley, em maio, e Forreggae Brasil, em setembro, que tinham 16 horas de *reggae* na programação e atraíam mais de 15 mil pessoas e excursões de todo o país. Grandes marcas, como a Ruffles e a Skol, se associaram ao *reggae*, realizando os mega eventos Ruffles Reggae e Skol Reggae. Nesse período, quando as redes sociais ainda nem existiam, os fãs de *reggae* eram articulados e um grande número de pessoas se mobilizava para participar dos eventos.

Contudo, com o passar dos anos, outros estilos musicais foram ganhando força, como a música eletrônica e o sertanejo universitário, e o público do *reggae* foi envelhecendo, casando, construindo famílias e, pouco a pouco, as casas do gênero foram se extinguindo, pois não havia mais público suficiente para participar das atividades. O Circuito *Reggae* acabou, o Tributo a Bob Marley e o Forreggae Brasil também deixaram de existir e no final da década de 2000, quase não havia mais casas específicas de *reggae* nem na capital, e nem no interior de São Paulo. Poucos empresários de casas noturnas continuaram apostando no estilo que vivera seu auge outrora.

Assim sendo, os grupos que restaram passaram a buscar alternativas, mas o espaço para o *reggae* se tornou cada vez menor. Muitos músicos

migraram para outros estilos musicais e, daquele período, apenas as bandas Natiruts e Planta e Raiz se mantêm, mesmo que de forma independente, no topo do sucesso até atualmente, sendo que a primeira, no segundo semestre de 2015, esteve em países da América Latina, da Europa e da Oceania. Já a segunda realiza cerca de 20 shows por mês, assim como grupos de estilos musicais mais populares. As bandas Mato Seco e Ponto de Equilíbrio também fazem bastante sucesso com o público que gosta de um *reggae* mais fiel às origens.

Anualmente, são realizados no mês de maio tributos por todo o país em celebração à morte do maior expoente do *reggae* mundial, Bob Marley, ocorrida em 1981. Devido à importância dessa data para os amantes do estilo musical, a presidente Dilma Rousseff sancionou em 2012, a lei de número 12.630, instituindo o Dia Nacional do *Reggae*. Ainda assim, com o crescimento de outros ritmos musicais na última década, o *reggae* perdeu espaço na mídia e não é visto em programas de forte apelo midiático, como os dominicais. Nas grandes rádios, apenas Natiruts, Cidade Negra e Planta e Raiz têm espaço, por terem construído uma carreira sólida, mesmo de forma independente, e também por fazerem um *reggae* mais mercadológico.

No estado de São Paulo, a cena *reggae* se mantém graças ao apoio do programa de rádio Encontro das Tribos, que transmite de segunda-feira a sexta-feira 2 horas dedicadas ao estilo na programação da 105 FM. Nesse caso, há espaço para as bandas independentes. O programa ainda promove diversos shows de *reggae* em São Paulo e no interior, atraindo grande número de pessoas.

3. Movimento *Reggae* Brasil

Com o objetivo de trazer o *reggae* de volta às paradas de sucesso, como era até o início dos anos 2000, o cantor Neto Trindade decidiu, no início de 2014, convocar uma reunião com os grupos que participavam do Circuito *Reggae*, para juntos pensarem em estratégias que pudessem contribuir para o retorno dos grandes eventos do estilo musical. Surgiu daí o Movimento *Reggae* Brasil, formado por mais de 90 bandas, que passaram a se reunir mensalmente na cidade de São Paulo para militar pelo estilo. Esse movimento pode ser enquadrado no contexto de movimentos sociais, que Maria da Glória Gohn

define como identitários e culturais. Nesse âmbito, defendem-se gênero, etnia e gerações. Analisando a história do *reggae*, a etnia é um dos fatores preponderantes, já que o estilo sido concebido como uma fusão entre música, religião e militância, cuja origem é o sofrimento do povo negro e oprimido.

A principal proposta do grupo consiste em uma atuação conjunta para a profissionalização do *reggae* no Brasil, de forma que todos os grupos participantes sejam beneficiados e levem ao público um som de qualidade, já que muitas bandas estavam realizando shows sem condições técnicas, apenas para permanecerem ativas. Muitos desses grupos se apresentavam, inclusive, sem remuneração financeira, apenas para divulgar o trabalho e mostrar que ainda existiam. Dessa forma, o Movimento Reggae Brasil articulou 95 bandas: Planta e Raiz, Ponto de Equilíbrio, Maneva, Du Casco, Mato Seco, Diamba, Maskavo, Solano Jacob, Semente Reggada, Dialeto Dub, Damata, Gaia Roots, Via Jah, Ayuascha, Alma Djem, Neto Trindade, Macucos, HC Roots, Cidade do Reggae, Sensimilla Dub, Reguera, Canoa Groove, Rhemazion, Aldeia Reggae Roots, Alma Livre, Bal Raíces, Bem Aventurados, Bixoloko, Braa Roots, Cadu Raiz, Caminho Suave, Canaroots, Casulo de Rudá, Cidadão Green, CidadeVerde Sounds, Confrontation, Du Green, Elemento Reggae, Família Imperial, Família 7 Velas, Fighting Soldiers, Fikamaria, Filhos da Terra, Filhos de Haile, Flor D´Jah, Gênire-Z, Gil Sant´Anna, Gravidade Zion, Guerreiros de Sião, Ideia Acesa, Indaíz, Jackie Joy, Jah B, Jah Bless, Jah Luz, Jan Kedzuh, Jimmy Luv, KataVento, Louve Roots, Luis Cardoso e Banda Celebretion, Maiz Amor, Manga Man, Mr. Dic, Mr Joint, Muléstia, Naylha, Natural Black, Natural Vibe, Naturalize, Naty Dub, Navegantes Reggae Music, Nova Raiz, Pru mar, Ras Mocambo, Raíces da Paz, Raíces Jah, Raiztafari, Ras Erick, Rasta Feeling, Rebel Roots, Reggaebelde, Reverberação, Semente Yeshua, Siloé Roots Reggae, Sistema Roots, Soda Solta, Sub20, Tenente Haole, Trilhas & Raíces, União Força e Fé, Ukiemana , Vibe Roots, Vibração Sol e Zuluz.

Foi definido ainda, entre as bandas, que os grupos de maior expressão contribuiriam com as bandas menores. Assim sendo, criou-se uma página, na rede social *Facebook*, onde semanalmente, uma das bandas participantes do projeto era divulgada. Todas as outras bandas participantes divulgavam a denominada banda da semana em suas páginas e em seus perfis pessoais. Outro projeto, que não chegou a sair do papel, era a criação de uma coletânea

para ser distribuída de forma gratuita em escolas e faculdades. Porém, devido à falta de recursos financeiros, a iniciativa não foi viabilizada. Contudo, as bandas pretendem, em 2016, obter financiamento por meio de editais e leis de incentivo, para a realização do projeto.

Sobremaneira, a intenção principal do Movimento *Reggae* Brasil, que era inserir o ritmo na programação da Virada Cultural, da cidade de São Paulo, em 2014, foi conquistada com a militância das bandas.

4. O *reggae* sob a ótica das bandas

Para refletir sobre o *reggae* como ideologia, cultura e movimento social, além do levantamento bibliográfico, outro procedimento metodológico utilizado foi a pesquisa participante, realizada por meio de audioconferência com 10 bandas integrantes do Movimento *Reggae* Brasil, sendo que todas têm mais de dez anos de formação e vivenciaram o auge do *reggae* brasileiro. Foram entrevistadas as bandas Planta e Raiz, Ponto de Equilíbrio, Mato Seco, Maskavo, Alma Djem, Neto Trindade, Raízes Rasta, Maneva, Du Casco e Nação Regueira, além de Eduardo Merlin, proprietário da loja Johnny B. Good, que há mais de 25 anos, comercializa CDs e produtos voltados para o *reggae* no centro de São Paulo.

A primeira questão levantada perante os grupos foi o que representa o *reggae*. PIRES (2015) acredita que o *reggae* é a música que transforma e leva a mensagem do amor e da vida, além de possuir um contexto social, que busca a evolução da sociedade.

Para PRATAVIEIRA (2015), “o *reggae*, além de um estilo musical é ainda uma forma de se comportar, agir e inspirar”. Para o músico, muitas ideias importantes são transmitidas por meio do *reggae*, principalmente a conscientização, em função do lado de protesto dessa cultura. LUGHON (2015), por sua vez, acredita que o *reggae* é a sua identidade, pois possui muita identificação com essa cultura. “Pra mim o *reggae* representa a música que transforma, que leva a mensagem do amor, da vida, a música que também tem um contexto da luta social, de melhorias, de evolução pro povo”. GONÇALVES (2015), afirma que “o *reggae* é um ritmo contagiante, que tem tudo a ver com o Brasil”.

De acordo com MERLIN (2015), as letras combinam muito com o seu caráter e com o seu estilo de vida. O empresário acredita que “o rasta pode ser considerado como uma democracia evoluída, porque todos tentam seguir pelos caminhos do que é correto”.

Segundo PONTES (2015), “o *reggae* é música de paz, amor e união”. Já para ANDRADE (2015), “*reggae* é um dos ritmos mais ricos e com mais elementos musicais que me atraem e me atraíram desde pequeno e, além do mais, as letras, o que trazem as letras, o contexto de paz, do amor, da união, fizeram eu me identificar muito com o ritmo”.

ARROJO (2015) acrescenta que “vivemos num país onde há muita desigualdade social, logo, o *reggae* acaba se tornando a nossa voz contra tudo o que há de errado e que envolve o nosso povo”.

PICCOLO (2015), por sua vez, enxerga o *reggae* sobretudo, como cultura. “Quando a gente fala em cultura queremos dizer de uma forma geral: arte e educação. É voz pra quem não tem voz que, no caso, são os oprimidos de cada dia”.

Já em relação aos motivos que levaram as bandas entrevistadas a escolherem o *reggae*, diferentes aspectos foram apontados. PIRES (2015) afirma que escolheu o *reggae* por ter a ver com a sua vibração, com a sua pessoa e por ser uma música que vai direto ao coração. “Escolhi o *reggae* porque é muito espiritual e sempre fui apegado a Deus”, afirma. A identificação com o estilo também foi apontada por PRATAVIEIRA (2015). “Escolhi o *reggae* porque me identifico e pela facilidade que tenho em me expressar com ele”. LUGHON (2015) pretende prosperar cada vez mais como ser humano e como músico, por meio do *reggae*. “O *reggae* proporciona diversas possibilidades no meio social, político, acadêmico e filosófico”. GONÇALVES (2015) afirma que escolheu o *reggae* porque se identificou muito com o estilo. PONTES (2015) afirma que escolheu o *reggae* primeiro pelas letras e depois pelo estilo. ARROJO (2015) considera que escolheu o *reggae* por representar a sua verdade, através de suas canções. “Temos como objetivo a propagação da arte e da cultura para todas as classes”. Para PICCOLO (2015), foi ele quem foi escolhido pelo *reggae*. “Sempre procuramos e ouvimos músicas que tivessem em seu conteúdo contextos de crítica social e de agregar cultural e intelectualmente o conhecimento através do som”. MIRA (2015) também acredita que foi escolhido pelo *reggae*.

Outro ponto levantado foi qual o objetivo dessas bandas em relação ao *reggae*. PIRES (2015) aponta que o seu objetivo principal é tocar o coração das pessoas e contribuir para mudar a realidade do mundo e do Brasil, além de levar diversão às pessoas. PRATAVIEIRA (2015) afirma que pretende expressar as suas opiniões por meio dessa manifestação cultural e gostaria que a sua banda fosse lembrada no futuro como uma expressão brasileira do *reggae*. Já GONÇALVES (2015) pretende misturar o *reggae* com outros elementos e outros ritmos, chegando a caminhos inexplorados nesse estilo. BRAYNER (2015) tem como objetivo propagar o *reggae* e contribuir para fortalecer esse movimento. MERLIN (2015) acredita que o *reggae* pode ser utilizado como ensinamento para o público jovem. Já PICCOLO (2015) busca conscientizar as pessoas por meio do *reggae* para que o respeito, a tolerância, o amor ao próximo e o respeito às igualdades e às desigualdades seja maior. “O *reggae* está aqui para abrir a cabeça das pessoas, tanto fisicamente, quanto espiritualmente”. MIRA (2015), por sua vez, pretende atingir o coração das pessoas e mesclar o *reggae* com outros segmentos musicais, sem desrespeitar as suas origens. O objetivo de ANDRADE (2015) é atrair o maior número de pessoas possíveis, por meio de suas mensagens.

O cenário do *reggae* brasileiro atual também foi analisado pelos entrevistados e foi o ponto que gerou mais controvérsias.

PIRES (2015) acredita que o cenário *reggae* vem crescendo e as bandas estão se profissionalizando, o que contribui para o crescimento do estilo e gera mais espaço na mídia. PRATAVIEIRA (2015) acredita que o *reggae* poderia ser maior e que se houvesse mais espaço na mídia televisiva, o cenário seria mais favorável aos grupos do gênero. Já LUGHON (2015), afirma que o cenário atual possui muitas bandas boas e um público forte, mas pode ser melhorado, por exemplo, com a inserção dessa manifestação cultural nos meios públicos, em eventos de Prefeituras, por exemplo, já que parte considerável de shows do gênero é realizada por empresários e empresas privadas. GONÇALVES (2015) vê o *reggae* atual enfraquecido, se comparado há anos anteriores. Em sua opinião, falta união dos grupos do estilo e talvez esse seja o principal motivo de o ritmo não ter tanto poder, como outros estilos. BRAYNER (2015) afirma que o *reggae* está voltando a ganhar espaço e que bandas de outros estilos, como Jota Quest, por exemplo, tem feito músicas *reggae*. Para ARROJO (2015), o *reggae*

está ganhando seu espaço novamente, mas é necessário um esforço maior de todos os amantes do *reggae*, para que o estilo se solidifique. PICCOLO (2015) vê o *reggae* cada vez mais engajado, profissional, mas acredita que falta uma valorização do estilo como cultura. Porém, o músico considera que o problema de reconhecimento cultural ocorre em todo o Brasil e não apenas com o *reggae*. ANDRADE (2015) também acredita que o cenário do *reggae* atual está muito forte e que se popularizará ainda mais no próximo ano. A profissionalização do estilo foi citada como fator preponderante para esse crescimento.

Tema central do artigo, o preconceito foi o ponto comum entre os entrevistados, sendo que a associação do *reggae* com a maconha e a imagem do regueiro negro, de dreads, foram apontadas como fator primordial para que haja preconceito contra essa manifestação cultural. GONÇALVES (2015) considera que, se não fosse a maconha, o *reggae* teria um espaço maior na mídia e não seria tão marginalizado. MIRA (2015) acredita que o *reggae* é associado à maconha, que por sua vez remete a outras drogas e que o preconceito também se dá por ser uma música que veio dos guetos. Para ele, os dreadlocks são uma forma de atitude e resistência e de a pessoa ter a sua personalidade, dentro de sua própria etnia. Para PICCOLO, ainda ocorre a mitificação em torno da maconha.

O *reggae* é mais uma forma de cultura discriminada por aqui, principalmente porque é uma música que surgiu na periferia, um som que veio do gueto e representa os oprimidos: o negro, o pobre. Então, ainda é muito discriminado por causa disso.
(PICCOLO, 2015)

De acordo com Freire (2009, p.69 *apud* SILVA 2007), “o fato de o *reggae* estar sendo hoje consumido pela classe média não diminui as desigualdades sociais, nem o preconceito racial”.

A segregação racial presente no *reggae*, pode ser analisada a partir de SILVA:

Quando a polícia chegava no salão, baixava o pau em todo mundo. Agora não, os brancos descobriram o *reggae* e os negrinhos já não tem mais lugar para dançar porque o *reggae* está ficando caro, e se a gente não se organiza, a gente perde o nosso espaço (FREIRE, 2009, p.71 *apud* SILVA, 2007, p. 121).

Embora o preconceito com o *reggae* tenha reduzido de forma significativa nos últimos anos, os usuários de maconha, em shows de *reggae*, continuam sendo oprimidos pela polícia e são tratados como marginais.

5. Conclusão

O que se pode constatar analisando o discurso das bandas entrevistadas ao longo deste artigo é que o *reggae* é antes de tudo uma questão de identidade, que vai além de um estilo musical, que dá voz às pessoas, em diversos contextos. A questão da identificação com o gênero é citada como fator primordial para que essas bandas escolhessem o ritmo. As letras do *reggae* brasileiro são carregadas de simbolismos, que têm por objetivo reivindicar melhorias na sociedade, bem como abordar a paz e o amor, em um mundo repleto de conflitos e desigualdades sociais. Escuta-se *reggae* por identificação, por libertação, por ligação espiritual, mas principalmente por reflexão. Apreciador de *reggae*, o assessor de imprensa Vinicius Oliveira acredita que, com o *reggae*, tudo fica em sintonia, e a sua identificação com o estilo se dá pelo fato de ele querer sempre o bem do próximo, o que é uma das principais preocupações do estilo.

Para os regueiros, o *reggae* serve para transformar, educar, conscientizar, estimular a reflexão, a paz, o amor, a igualdade entre os povos e a liberdade. No entanto, é uma cultura não valorizada, que não é totalmente vivenciada com liberdade, devido à opressão que os seus seguidores sofrem, principalmente por parte da polícia. Seja regueiro ou não, o negro e o usuário de maconha são discriminados pela sociedade. É verdade que o estilo que saiu dos guetos deixou de ser somente uma cultura de periferia, mas ainda falta espaço para o *reggae* na mídia, se comparado a outros estilos musicais. Acredita-se, que essa falta de espaço se deve principalmente à associação com a maconha, mas também ao fato de ser uma cultura negra, afinal, dá mais audiência para as emissoras televisivas trazer a dupla sertaneja com gel no cabelo e roupa alinhada do que os regueiros negros, de dreads, com roupas verdes, amarelas e vermelhas.

Os grupos têm procurado se reinventar, se renovar, misturando o *reggae* a outros elementos, para, dessa forma, atingir um novo público. Entretanto, com essa nova roupagem, perde-se um pouco da essência do *reggae*. Tornar um

produto midiático não significa que o *reggae* se tornará um estilo ruim e perderá a qualidade, mas se venderá ao sistema, que vai contra a ideia original do rasta.

Embora falte apelo midiático ao *reggae*, as plataformas digitais contribuíram muito para a disseminação do estilo, que conta com grandes números de acessos no Youtube. A profissionalização das bandas levou ainda a uma melhor utilização dos canais digitais para a divulgação do estilo. Diversas páginas que transmitem mensagens de *reggae* contam com mais de 1 milhão de fãs no Facebook e milhares de publicações compartilhadas diariamente com as mensagens das bandas.

Ícone da música brasileira, Roberto Carlos lançou em setembro de 2015 uma versão *reggae* de seu hit “Eu te Amo”, o que comprova que o *reggae* exerce grande influência sobre outros estilos musicais. E são esses pontos que têm que ser utilizados para transformar a sociedade e quebrar os paradigmas e preconceitos em torno do *reggae*. É mostrar que o *reggae* vai muito além da maconha, que por meio dele as pessoas podem se transformar, o que, consequentemente, transformará a sociedade.

O cenário atual é visto com bons olhos e as bandas acreditam em um futuro melhor para o estilo, porém, o que mais falta dentro do *reggae* é um movimento social articulado, com burocratas e militantes, que lutem para a legitimação do estilo perante a sociedade, quebrando os paradigmas e preconceitos em torno do *reggae*.

Faltam no *reggae*, produtores que entendam de projetos culturais e realizem essa aproximação entre as bandas e o poder público. Diversas bandas do estilo ainda não possuem CNPJ, por exemplo, conforme citado nas pesquisas, o que confirma a necessidade de implementar essa parte burocrática, pois, assim, os Centros Educacionais Unificados (CEUS) e as Fábricas de Cultura poderiam ser explorados pelos regueiros, o que agregaria mais público, principalmente de regiões periféricas, de onde o *reggae* saiu.

Além disso, são poucos grupos de *reggae* que utilizam ferramentas como as leis de incentivo de editais, que poderiam favorecê-los, já que geralmente os projetos visam uma contrapartida social, que vai ao encontro do que o *reggae* prega, que é contribuir com o próximo e com a sociedade.

As próprias mensagens das bandas de *reggae* como a paz, o amor e a igualdade social devem ser utilizadas para combater o preconceito e mostrar que

apreciar o *reggae* vai muito além de ter dreads e fumar maconha. Para gostar de *reggae*, não é necessário utilizar determinado tipo de roupa, nem ter dreads, é preciso apenas querer uma sociedade igualitária, em paz, sem conflitos sociais.

Se não houvesse preconceito contra o *reggae*, o estilo faria parte da programação de grandes eventos públicos, como a Virada Cultural, sem necessitar de abaixo-assinado. Por isso, há um longo caminho a ser percorrido pelos grupos do estilo, para que essa ideologia seja legitimada, por meio de um movimento social forte e articulado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Carlos. **O eterno verão do reggae**. São Paulo: Editora 34, 1997.

BAUMAN, Zygmunt. **Ensaio sobre o conceito de cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

BERABA, Marcelo. **Após atos, governo não tem interlocutores**. Disponível em: <<http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,apos-atos-governo-nao-tem-interlocutores,1053152>>. Acesso em 09 de jun. 2015

BRASIL, Ramusyo. **O reggae no Caribe brasileiro**. São Luis: Pitomba, 2014.

CARDOSO, Marco Antônio. **Bob Marley por ele mesmo**. São Paulo: Martin Claret, 2004.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CHAUÍ, Marilena de Souza. **Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas**. São Paulo: Cortez, 2006.

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. São Paulo: Editora Unesp, 2005.

FEA USP. **Cultura e Diversidade**. Disponível em: <<http://www.fea.usp.br/conteudo.php?i=357>>. Acesso em 21 de abr. 2015.

FRÉDERIC, Martel. **Mainstream: a guerra global das mídias e das culturas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

FREIRE, Karla. **Onde o reggae é a lei**. São Luis: EduFma, 2012.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos Sociais na Contemporaneidade**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v16n47/v16n47a05.pdf>>. Acesso em 09 de jun. 2015.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

MARLEY, Rita. **No Woman no Cry: minha vida com Bob Marley**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2004.

NOGUEIRA, Silas. **Poder, cultura e hegemonia**: elementos para uma discussão. Disponível em:

<<http://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/74385>>. Acesso em 13 jun. 2014

OLIVEIRA, Denis; PAVAN, Maria Angela. Identificações e estratégias nas relações étnicas na telenovela “Da Cor do Pecado”. **Revista de Comunicação e Cultura**: processos mediáticos e culturais. Piracicaba: GRUPO DE ESTUDOS PROCESSOS MEDIÁTICOS E CULTURAIS: FACULDADE DE COMUNICAÇÃO/UNIMEP – Vol. 1, n.1, 2006. p. 71-76.

OPPERMAN, Álvaro. **Rastafarianismo**: vibrações positivas. Disponível em:<<http://super.abril.com.br/religiao/rastafarianismo-vibracoes-positivas-619199.shtml>>. Acesso em 21 de abr. 2015.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

PORTAL REGGAE DO VALE. **História do reggae**. Disponível em: <<http://www.reggaedovale.com.br/2014/03/historia-do-reggae.html>>. Acesso em 20 de abr. 2015.

PRAGMATISMO POLÍTICO. **7 curiosidades sobre Bob Marley, maior expoente do reggae no mundo**. Disponível em: <<http://www.pragmatismopolitico.com.br/2015/02/7-curiosidades-sobre-bob-marley-maior-expoente-reggae-no-mundo.html>>. Acesso em 22 de abr. 2015.

PREFEITURA DE SÃO PAULO. Programação. Disponível em: <<http://viradacultural.prefeitura.sp.gov.br/2014/programacao/>>. Acesso em 11 de abr. 2015.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. **Lei n.º 12.288, de 20 de julho de 2010**.

Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12288.htm>.

Acesso em 15. de jun. 2015.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. **Lei n.º 12.630, de 11 de maio de 2012**.

Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2012/Lei/L12630.htm>.

Acesso em 19 de abr. 2015.

SANTOS, José Luiz. **O que é cultura?** São Paulo: Brasiliense, 1986, 6ª edição.

SILVA, Carlos Benedito Rodrigues. **Os sons do Atlântico Negro**. Disponível em:

<<http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rbrascaribe/article/viewFile/2419/464>>. Acesso em 11 de jul. 2015.

SODRÉ, Muniz. **A verdade seduzida**: por um conceito de cultura no Brasil. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. 3^a ed.

SODRÉ, Muniz. **Reinventando a cultura**: a comunicação e seus produtos. Petrópolis: Vozes, 1996.

SODRÉ, Muniz, **Reinventando a cultura**: do atual ao virtual. In: FERREIRA, Maria Nazareth (org). **Cultura, Comunicação e Movimentos Sociais**. 2^a. ed. São Paulo: CELACC: ECA/USP, 2007. p.21 -28.

TOLEDO, Giuliana de. **Bandas de reggae pedem palco do estilo na Virada Cultural**.

Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2014/02/1413850-bandas-de-reggae-pedem-palco-do-estilo-na-virada-cultural.shtml>>. Acesso em 19 de abr. 2015.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995

UNESCO. **Diversidade Cultural no Brasil**. Disponível em: <<http://www.unesco.org/new/pt/brasil/culture/cultural-diversity/>>. Acesso em 22 de abr. 2015.

WILLIAMS, Raymond. **A cultura é de todos**. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/68474445/A-Cultura-e-Ordinaria1#scribd>>. Acesso em 13 de ago. 2015.

WHYTE, Thimoty. **Queimando tudo**: a biografia definitiva de Bob Marley. São Paulo: Record, 1999.

ENTREVISTAS

ANDRADE, Diego. **Entrevista I.** (setembro de 2010). Entrevistadora: Maria Isabel Chagas de Almeida Luchesi. São Paulo, 2015. 1 arquivo.mp3. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice deste artigo.

ARROJO, Fabiano Flores. **Entrevista II.** (setembro de 2010). Entrevistadora: Maria Isabel Chagas de Almeida Luchesi. São Paulo, 2015. 1 arquivo mp3. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice deste artigo.

BRAYNER, Felipe. **Entrevista III.** (setembro de 2010). Entrevistadora: Maria Isabel Chagas de Almeida Luchesi. São Paulo, 2015. 1 arquivo.mp3. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice deste artigo.

GONÇALVES, Durval Neto. **Entrevista IV.** (setembro de 2010). Entrevistadora: Maria Isabel Chagas de Almeida Luchesi. São Paulo, 2015. 1 arquivo.mp3. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice deste artigo.

LUGHON, Kuky. . **Entrevista V.** (setembro de 2010). Entrevistadora: Maria Isabel Chagas de Almeida Luchesi. São Paulo, 2015. 1 arquivo.mp3. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice deste artigo.

MERLIN, Eduardo. **Entrevista VI.** (setembro de 2010). Entrevistadora: Maria Isabel Chagas de Almeida Luchesi. São Paulo, 2015. 1 arquivo.mp3. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice deste artigo.

MIRA, Marcelo. . **Entrevista VII.** (setembro de 2010). Entrevistadora: Maria Isabel Chagas de Almeida Luchesi. São Paulo, 2015. 1 arquivo.mp3. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice deste artigo.

PICCOLO, Rodrigo. . **Entrevista VIII.** (setembro de 2010). Entrevistadora: Maria Isabel Chagas de Almeida Luchesi. São Paulo, 2015. 1 arquivo.mp3. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice deste artigo.

PIRES, Zeider. . **Entrevista IX.** (setembro de 2010). Entrevistadora: Maria Isabel Chagas de Almeida Luchesi. São Paulo, 2015. 1 arquivo.mp3. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice deste artigo.

PONTES, Paulo. **Entrevista XX.** (setembro de 2010). Entrevistadora: Maria Isabel Chagas de Almeida Luchesi. São Paulo, 2015. 1 arquivo.mp3. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice deste artigo.

PRATAVIEIRA, Rodrigo. **Entrevista XI.** (setembro de 2010). Entrevistadora: Maria Isabel Chagas de Almeida Luchesi. São Paulo, 2015. 1 arquivo.mp3. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice deste artigo.

APÊNDICES

Entrevista I

Diego Andrade – Percussionista e fundador da Banda Maneva

- O que é o *reggae* pra você?

Diego Andrade: *Reggae* pra mim é um dos ritmos mais ricos e com mais elementos musicais que me atraem e me atraíram desde pequeno e, além do mais, as letras, o que traz (sic) as letras, o lance da paz, do amor, da união, isso fez eu me identificar muito com o ritmo

- O que você pretende com o *reggae*?

Diego Andrade: O que eu pretendo com o *reggae* e com a musica num todo é atrair o maior número de pessoas possível e passar a nossa mensagem para o maior número de pessoas possível

- Na sua opinião, como é o cenário do *reggae* brasileiro atual?

Diego Andrade: Na minha opinião, o cenário do *reggae* hoje está muito forte, estão chegando novas bandas muito boas e está sendo muito mais profissionalizado do que era antigamente. Foi deixada um pouco de lado aquela vertente de só imitar o que vinha da Jamaica e estão entrando elementos brasileiros, de música brasileira no *reggae*, que está enriquecendo cada vez mais. E estão entrando novas bandas que com certeza ditarão as regras do *reggae* daqui pra frente. Acredito que se popularizará um pouco mais no ano que vem

Entrevista II

Fabiano Flores Arrojo – Banda Du Casco

- O que é o *reggae* para você?

Fabiano Flores Arrojo: O *reggae* é o gênero musical da Jamaica, criado na década de 50. Um ritmo dançante e envolvente com letras de cunho social e

político, mas atingiu notoriedade mundial a partir dos anos 70, através de Bob Marley, então o maior ícone do estilo.

- Porque você escolheu o *reggae*?

Fabiano Flores Arrojo: O ritmo *reggae* é cativante. Além disso, retrata nosso cotidiano. Vivemos num país onde há muita desigualdade social, logo, o *reggae* acaba se tornando a nossa voz, contra tudo o que há de errado, que envolve o nosso povo.

- O que você pretende com o *reggae*?

Fabiano Flores Arrojo: Nossa música fortalece um trabalho há quase 15 anos, com muito amor e dedicação, relatando a nossa verdade, através de nossas canções, e temos como objetivo, a propagação de arte e cultura para todas as classes.

- Você acha que existe preconceito contra o *reggae*?

Fabiano Flores Arrojo: Sim, rola, mas é de cada um isso. Eu prefiro não tocar nesse tema, porque é como se fosse um bloqueio musical. Nós gostamos mais de enxergar o lance da música, do que necessariamente o preconceito e a associação com a erva. Não só com a maconha, mas também o lance racial.

Entrevista III

Felipe Brayer – vocalista da banda Raízes Rasta

- O que você pretende com o *reggae*?

Felipe Brayer: Eu pretendo com o *reggae* continuar. Hoje temos 16 anos de banda e pretendo continuar porque é um ritmo que me atrai, é um estilo de som que me agrada e pretendo continuar por mais 20, 30 anos, se minha vida e minha saúde permitirem. Graças a Deus tenho conseguido isso. Casei, tenho filhos, trabalho numa empresa grande e consigo conciliar. Pretendo propagar meu estilo de *reggae*, chamado de *reggae* progressivo, continuar mandando aquelas mensagens nossas, fortalecer esse movimento *reggae*, que a gente sabe que tem várias vertentes dentro do *reggae*. Tem Maskavo, que fala de amor, Planta e Raiz, que é mais social. Tem esses estilos de *reggae* com

filosofias de letra, mas acho que tem espaço para todo mundo. Acho mais importante bater no peito e falar “sou uma banda de *reggae* e não sou pop, sou *roots*”.

- Como você vê o cenário do *reggae* brasileiro atual?

Felipe Brayer: A banda tem 16 anos e, quando tinha uns 8 anos, a gente já tinha vivido muita coisa boa na nossa vida musical e o mercado de *reggae* deu uma caída. As pessoas que tinham mais grana para investir em eventos de *reggae* começaram a investir em outros eventos que estavam em alta na época, como musica eletrônica. Quem tem mais força permanece, quem tem menos força cai. Pra nós, a gente caiu junto com o mercado, não tinha grana pra fazer um novo trabalho. Fui viajar pra fora do país e gravamos um disco novo em 2012. Estou vendo que o cenário *reggae* está voltando, o Encontro das Tribos é o grande responsável por esse retorno do *reggae*. Hoje em dia a gente vê *reggae* com mais freqüência nas rádios, vemos grandes bandas como Jota Quest fazendo músicas com *reggae*, bandas como o Skank que sempre foram *reggae* com o *reggae* muito mais presente. Não queremos saber do mercado, queremos fazer história. Escrevemos projeto para o Proac e já tem 2 empresas para fazer o aporte financeiro e financiar o DVD de 16 anos de história. Vemos o mercado com bons olhos. Algumas bandas que fizeram parte da elite sumiram. A agenda do Maskavo aumentou, o Planta e Raiz tem 15, 18 shows por mês. Estou vendo com ótimos olhos, queremos retornar e fazer parte disso tudo.

Entrevista IV

Durval Neto Gonçalves (Neto Trindade) – vocalista da banda Neto Trindade e o Bando da Lua

- O que é o *reggae* pra você?

Neto Trindade: O *reggae* pra mim é um ritmo contagiante que tem tudo a ver com o Brasil, apesar de ter nascido fora do país, ele é um ritmo muito bacana, misturado com as coisas que a gente já tem aqui no Brasil. Deu muito certo e tem tudo para ser o ritmo do momento, já que tantas outras coisas que nem têm muito a ver ficaram em evidência nos últimos tempos, como música reconhecida no país.

- Porque você escolheu o *reggae*?

Neto Trindade: Escolhi o *reggae* porque quando adentrei a música ouvia muito punk e uma das bandas que eu mais gostava era o The Clash, que tinha muitos elementos de *reggae* no meio, misturado com o rock and roll e eu me identifiquei muito. Foi uma porta para mim (sic) adentrar esse meio e começar a compor minhas músicas.

- O que você pretende com o *reggae*?

Neto Trindade: Pretendo com o *reggae* continuar misturando com outros ritmos como o forró, o *blues*, a música popular brasileira, acho que o *reggae* já tem a sua essência e um ritmo bem simples, e quando a gente mistura com outros elementos, ela toma caminhos inexplorados e desconhecidos e que agradam muito o ouvido de todos que curtem música.

- Como você vê o cenário do *reggae* brasileiro atual?

Neto Trindade: O cenário do *reggae* brasileiro atual está enfraquecido, por muitas bandas reconhecidas parecerem umas com as outras e as bandas novas quererem copiar essas bandas, que já estão copiando outras coisas. As bandas de *reggae* levantam uma bandeira de paz e união, que não existe. É uma banda querendo aparecer mais que a outra, uma passando por cima da outra, e união que é bom mesmo, que deveria ser, nada. Esse talvez seja o principal motivo que o *reggae* não deu certo no Brasil até hoje.

- Você acha que existe preconceito contra o *reggae*?

Neto Trindade: Se não fosse a maconha, o *reggae* teria um espaço maior na mídia e não seria tão marginalizado.

Entrevista V

Kuky Lugon – tecladista e *backing vocal* da banda Ponto de Equilíbrio

- O que é o *reggae* pra você?

Kuky Lugon: O *reggae* é meu ganha-pão, minha vida, meu sustento, a minha identidade. O *reggae* vem de uma origem de protesto, pobre, jamaicana, de 3º. 4º mundos e é uma realidade nossa, brasileira. É uma identificação muito grande com o *reggae*. É meu sustento, a minha continuidade, a minha realidade.

- O que você pretende com o *reggae*?

Kuky Lugon: Na verdade o *reggae* é minha vida, não posso dizer que é uma pretensão pra mim. A pretensão que tenho com o *reggae* é prosperar cada vez mais como ser humano, como músico, várias possibilidades que o *reggae* proporciona no meio social, político, acadêmico, filosófico. Vejo essas possibilidades no *reggae*.

- Como você vê o cenário *reggae* brasileiro atual?

Kuky Lugon: O cenário *reggae* atual tem muitas bandas boas, outras ruins. Precisamos melhorar o lado profissional, tem que amadurecer um pouco mais, mas o *reggae* tem um público muito forte, mas em algumas coisas pecamos pelo amadorismo e pela liberdade demais, levamos as coisas de modo muito solto. Então eu vejo o cenário *reggae* sempre próspero, sempre dando pra melhorar, o Brasil inteiro curte *reggae*. Muitas bandas têm seu espaço para melhorar profissionalmente. Torço que tenham cada vez mais bandas, quanto mais, melhor para o público ter o direito de escolher o que quer ouvir.

Eu passo isso há 15 anos, quase 16 anos no *reggae*. Faço parte de um meio em que tenho acesso a todas as bandas, estou querendo mobilizar e encabeçar, mas preciso de um respaldo de 3 ou 2 pessoas. Precisamos inserir o nosso contexto musical nos meios públicos, nos meios de prefeituras. É isso que vai nos levar a patamares e a cachês melhores. Porque o Sesc contrata bandas gringas de *reggae* pra tocar e os nacionais não? Isso que fico indignado. Vários artistas jamaicanos tocam em Sescs e até mesmo na Virada Cultural e por que nos aqui não conseguimos? Mas precisamos contar com pessoas para reuniões sérias para direcionar só para eventos públicos. Esquece fechar show particular que não rola mais. Rola, mas as bandas já fecham isso. Precisamos de outra forma para direcionar para Prefeituras e afins.

Estou batendo na tecla de parte burocrática há muito tempo. Não estamos nesses lugares como Sesc e Virada Cultural porque não temos uma parte

burocrática que nos coloque nesses lugares. Simples assim. Não temos um grande escritório que representa as bandas como todo. Falta parte burocrática que nos coloque em SESC e prefeitura.

Sinto falta desse contato, de uma equipe que faça projetos com bandas de *reggae*, que nos ensine em Ceus, em fábricas de cultura, não só as mesmas bandas, mas como um todo. Festas de prefeituras. Somos em mais de 5.600 municípios no Brasil todo, por que não entramos nesse mercado de prefeitura? O sertanejo entra, o samba entra, porque eles têm uma parte burocrática muito mais forte do que a gente. Muitas bandas de *reggae* não têm CNPJ, clipe, letra. Precisamos de burocratas no nosso segmento que nos coloquem em todas as prefeituras. É impossível que com tantos municípios, a gente não consiga a inserção em 10%. Não conseguimos nem 2%; É triste saber que levamos várias pessoas, artistas curtem *reggae*, novela toca *reggae*, toca em comercial, *jingles*, todo mundo ouve *reggae*, mas falta pra gente a parte burocrática.

Entrevista VI

Eduardo Merlin – proprietário da loja Johnny B Good, no centro de São Paulo, voltada a artigos relacionados ao *reggae* e a sua cultura

- O que é o *reggae* pra você?

Eduardo Merlin: *Reggae* pra mim é um estilo musical que foi criado na Jamaica e foi influenciado principalmente por trios vocais americanos. É um estilo que trouxe independência musical para a Jamaica, na mesma época que independência do próprio país. As letras combinam muito com o meu caráter e com o meu estilo de vida. Muita gente acha que o *reggae* fala apenas sobre revolução, mas 90% das letras falam de amor e falam também do amor que você tem que ter pela natureza, pelos seus irmãos e tudo que é uma cultura em geral, da Babilônia, que julga o capitalismo dos governantes que estão mandando no mando. O rasta poder considerado como uma democracia evoluída, porque todos tentam seguir pelos caminhos do que é correto. Então acho que meu trabalho pelo *reggae* foi pra esse lado de fazer a música e passar uma mensagem para que as pessoas tenham consciência do que é o mundo e do que são as pessoas

- Qual o perfil do público que frequenta a sua loja?

Eduardo Merlin: O público que vai na Johnny é muito variado, devido a estar no centro de São Paulo, em meio ao olho do furacão. Ali é uma casa que esse ano faz 30 anos, foi fundada em 85, pelo Johnny. Tem clientes muito antigos que vão lá para pegar cd. Cada estado brasileiro gosta de um tipo de *reggae* e de um artista. O *reggae* que a gente gosta de ouvir no Brasil é de cantores antigos, que já morreram. Então, vai gente de todo estado. E a molecada nova que chega tem uma cultura de *sound system*, que atrai muito *dub*. Vendo muito cantor da década de 60 e 70 e outros cantores. Bandas foram poucas e cantores muitos. Sete grupos gravaram 80%, 90% do *reggae*. Hoje em dia o mercado sofreu um choque muito grande, porque tudo o que é música hoje em dia pode ser encontrado na internet, porém, o *reggae* está em depósito de vinis e CDs. O público do *reggae*, embora haja muito material disponível na internet, opta por cd e vinis, para preservar a cultura. Muitos não são encontrados na internet. O vinil está voltando com força. De banda nacional os mais procurados são os chamados *roots* (Ponto, Leões, Mato Seco), *new roots* que mistura *reggae* e *hip hop*. Essa mistura é proveniente da fusão musical entre Jamaica e Estados Unidos, originando o chamado *new roots*. Os jamaicanos ouviram as rádios americanas e foram muito influenciados por eles. *Hip Hop* [teve] grande intercâmbio com o *reggae* na Jamaica. As bandas que fazem essa levada atingem um público maior. Na Johnny muitas pessoas vão, desde os que são regueiros, pais de família, novos, é um público bem diferenciado, de polícia a bandido, de traficante a pai de família. Público de 15 a 25 anos mais interessado em encontrar maconha do que propriamente no *reggae*. Muitos agradecem pela troca de ensinamentos. A pessoa perdida no centro ouve uma música boa. Muita energia, de pessoas diferentes. O principal é a parada musical para ensinar para os jovens, receber bem e mostrar sempre a boa música.

- Como você vê o cenário do *reggae* atual?

Eduardo Merlin: O cenário de banda hoje em dia eu vejo que é um mercado difícil. Trabalhar a música que é tipo muito mais digital do que uma coisa física, está ligado ao Marketing e precisa de dinheiro, precisa fazer propaganda via Facebook e tá uma coisa mais complicada. São poucos empresários que conseguem trabalhar no país e poucas cidades que acontece

atingir também. Rola (sic) mais capitais e algumas cidades litorâneas. No Verão rola mais no sul, nordeste e Minas Gerais. Muito pro interior já não rola muito show de *reggae*. Uma banda que faz bastante interior do norte e nordeste é Tribo de Jah. É a única banda que leva público. Essa parte de *business* são poucos que fazem no *reggae* e trabalham em conjunto para fazer a parada funcionar. Uma produção musical é igual a jogador de futebol, tem milhares, mas 1% que consegue. Uns acham que dinheiro é sucesso e outros acham que é fazer o bem. A parada que vejo musical é isso que rola hoje em dia, muito digital. Público grande consumidor entre 12 e 25 anos, que curte sertanejo, funk e pagode. O *reggae* é uma cultura mais alternativa, que reúne um público alternativo. Dessas bandas a que mais consegue popularizar o *reggae* é o Natiruts, com músicas que atingem todos os públicos.

Entrevista VII

Marcelo Mira – vocalista da banda Alma Djem

- O que é o *reggae* pra você?

Marcelo Mira: O *reggae* é um estilo que é aceito pelo mundo todo, porque ele tem força e suavidade. É uma música calma, uma música tranquila, uma música que se mistura bem com outros ritmos, mas ao mesmo tempo tem a força das letras, das mensagens, das melodias, da história das pessoas que escolhem tocar o *reggae*. Na minha vida o *reggae* é um balsamo, é um mantra, uma forma de me expressar, uma linguagem, e eu acho que ele tem esse poder de alcançar o mundo inteiro, justamente pela força e pela leveza. Como diria o Bob Marley “o *reggae* quando bate você nunca sente dor”. É a música que faço de melhor, que componho, que trabalho, que tento melhorar a cada dia trazendo novos elementos, novidades, para que a gente possa se destacar e para que a gente possa dar continuidade à evolução aqui no Brasil e, se possível, no mundo todo.

- Porque você escolheu o *reggae*?

Marcelo Mira: Eu acho que o *reggae* que me escolheu, na verdade. Eu tive o primeiro contato com o Bob Marley ainda adolescente, eu gostava muito, mas a gente não ouvia aqui no Brasil, ouvia vertentes do *reggae* através do Paralamas, do Gilberto Gil, mas o *reggae* propriamente dito a gente ainda não

escutava. O *reggae* jamaicano eu fui descobrir mais ou menos com 15 anos numa férias em Iguape, numa casa à beira-mar, com vários amigos, numa férias bem bacanas, e lembro bem que o Bob era a trilha sonora de tudo aquilo e achei muito legal e comecei a pesquisar e fazer a correlação com as bandas de que eu gostava como Paralamas, Gilberto Gil, Cidade Negra, e fui entendendo o que era aquilo ali e da onde vinha, aquela influência do Police do rock com *reggae*. Comecei a compor, minha primeira música foi Amar Novamente, comecei a compor naturalmente, o *reggae* veio porque consegui colocar na minha vertente de MPB. Sempre escutei e toquei Djavan, Caetano, Gil e consegui colocar em português uma melodia de *reggae* e deixar uma coisa jovem, moderna e, ao mesmo tempo, sem perder aquela beleza que a música brasileira tem na harmonia, nas melodias, nas letras. Quando consegui casar isso aí, minha vontade era de ter uma banda e não ser um cantor de MPB, escutava Chico, Tom Jobim, Clube da Esquina, Nana Caymi, apesar disso sempre quis ter ruma banda, aquela coisa de ter crescido em Brasília e ver aquelas bandas todas ali naquela época, mais ou menos 1985, cheguei em Brasília, com 11 anos e teve aquela coisa de querer ter banda, de expressar minha musicalidade e ter aquele poder de banda, que eu sonhava realmente. Por isso escolhi o *reggae*

- O que você pretende com o *reggae*?

Marcelo Mira: Atingir o coração das pessoas, acho que o *reggae* tem essa leveza, essa calma, essa tranquilidade aparente, que é uma coisa muito poderosa nas letras, com baixo e bateria, pesadão, que não deixa ninguém parado. Então, pretendo fazer *reggaes* cada vez melhores, antenados com as tendências mundiais, inovar, sem desrespeitar e descaracterizar o verdadeiro *reggae*, evoluir, tudo é mutável e a gente que é músico tem que buscar a mutação, a renovação, a mesclagem com elementos de outros segmentos, como o eletrônico, o *hip hop* e poder fazer um *reggae* cada vez melhor e mais reconhecido.

- Você acha que existe preconceito contra o *reggae*?

Marcelo Mira: Eu acho que existe sim ainda preconceito, acho que a maioria das pessoas leigas ainda associa muito o *reggae* à maconha, à coisa da

droga, é uma música que vem do gueto, uma música que prega simplicidade, que prega igualdade. A própria imagem do *reggae*, os dreads, que você associa ao Bob, os dreads não deixam se der uma forma de resistência, de atitude, de você deixar os cabelos crescerem e ter dentro da sua personalidade, dentro da sua etnia, então acho que existe sim um preconceito que vem sendo quebrado a cada dia, a gente vê esse preconceito sendo quebrado cada vez mais, uma música sendo cantada pelos jovens prega amor, solidariedade, fraternidade, o mundo precisa de boas mensagens e a gente começa a ver empresas se associando cada vez mais, as pessoas que gostam de outros ritmos indo aos shows de *reggae*, então acho que é um bom momento, as bandas estão mais organizadas, trabalhando seus shows com mais profissionalismo, mais estrutura, procurando oferecer ao público shows, melhores locais, um som melhor, um palco melhor, painel de led, isso ajuda a quebrar o preconceito, acho que é questão de tempo, o *reggae* está figurando aí com os outros estilos, esse preconceito a gente torce e trabalha para que venha caindo cada dia mais.

Entrevista VIII

Rodrigo Piccolo – vocalista da banda Mato Seco

- O que é o *reggae* pra você?

Rodrigo Piccolo: É uma pergunta complexa. Definir de uma forma simples? O *reggae*, sobretudo, é cultura. Quando a gente fala em cultura, queremos dizer de uma forma geral: arte e educação. É voz pra quem não tem voz que, no caso, são os oprimidos de cada dia.

- Porque você escolheu o *reggae*?

Rodrigo Piccolo: A gente não escolheu o *reggae*, foi o *reggae* quem escolheu a gente. Isso aconteceu porque nós nunca nos apegamos às músicas mais simples em suas mensagens. Sempre procuramos e ouvimos músicas que tivessem em seu conteúdo contextos de crítica social e de agregar cultural e intelectualmente o conhecimento através do som. Então foi meio natural o *reggae* pegar a gente, saca? Nós fomos escolhidos pelo *reggae*. Sempre ouvimos muito RAP, rock and roll, principalmente os mais protestantes, e

músicas que têm um contexto mais sério. Por isso foi muito natural o *reggae* escolher a gente.

- Qual o seu objetivo com o *reggae*?

Rodrigo Piccolo: Conscientizar as pessoas de que o respeito, a tolerância, de que o amor ao próximo e o respeito às igualdades e as desigualdades seja (sic) maior. É conscientização. O *reggae* está aqui para abrir a cabeça das pessoas tanto fisicamente quanto espiritualmente. Acredito que o maior objetivo do *reggae* é chegar a todas as pessoas levando mensagens de igualdade e justiça, sobretudo. Somos todos iguais, independente de nossas condições, Deus fez todo mundo igual.

- E como você vê o cenário do *reggae* atual?

Rodrigo Piccolo: Aí eu falo por todos: somos otimistas. A gente vê evolução tanto pra quem divulga o *reggae* quanto pra quem faz o *reggae*. Atualmente o *reggae* está ficando cada vez mais engajado e profissional, e isso é importante. E está chegando cada vez mais longe. [Em] Lugares onde não se ouvia *reggae*, hoje já se ouve. O *reggae* está chegando às crianças, o *reggae* está chegando aos mais velhos, o *reggae* está chegando às escolas, aos meios de comunicação. Nós somos otimistas, mas ainda falta ser valorizado como cultura, porém esse é um problema de cultura como um todo aqui no Brasil, não só do *reggae*.

- Na sua opinião, existe preconceito contra o *reggae*?

Rodrigo Piccolo: Ainda ocorre a mitificação em cima da maconha, da erva, contudo o *reggae* é mais uma forma de cultura discriminada por aqui, principalmente porque é uma música que surgiu na periferia, um som que veio do gueto e representa os oprimidos: o negro, o pobre. Então ainda é muito discriminado por causa disso. O que nos faz otimistas é porque estamos conseguindo fazer uma espécie de anarquia com as sobras, as pequenas migalhas que o sistema nos dá.

Entrevista IX

Zeider Pires – vocalista da banda Planta e Raiz

- O que é o *reggae* pra você?

Zeider Pires: Pra mim o *reggae* representa a música que transforma, que leva a mensagem do amor, da vida, a música que também tem um contexto da luta social, de melhorias, de evolução pro povo. É a música que fez a minha cabeça, a música [com] a qual eu desenvolvi meu trabalho, que eu sustento a minha família. Posso dizer que é a minha vida.

- Porque você escolheu o *reggae*?

Zeider Pires: Eu escolhi o *reggae* porque tem a ver com a minha vibração, tem a ver com a minha pessoa mesmo, é uma música simples, é uma música que vai direto ao coração. Escolhi o *reggae* porque o *reggae* também é muito espiritual e sempre fui apegado a Deus e a essas coisas, então eu me amarro no *reggae* por isso.

- Como você vê o cenário do *reggae* brasileiro atual?

Zeider Pires: O cenário do *reggae* vem crescendo, a cada ano que passa a gente vê novas bandas surgindo. As bandas estão se profissionalizando mesmo, estão entendendo que a música é um trabalho a ser desenvolvido, é uma coisa que tem que ser encarada de forma profissional. Então eu vejo o *reggae* crescendo muito, até em espaço na mídia e no mundo também, muita gente fazendo *reggae*. O *reggae* sempre influenciou as bandas de rock do Brasil, principalmente, e agora está se mostrando como um estilo que veio para ser protagonista. Então, isso que é legal. A gente bota fé aí e continua trabalhando duro, criando bastante para que o *reggae* continue evoluindo e que a gente possa colher bons frutos aí nessa história toda que a gente escreveu junto com as outras bandas de *reggae* do Brasil. Tem muita gente fazendo *reggae* e o *reggae* vai explodir.

- O que você pretende com o *reggae*?

Zeider Pires: Eu pretendo com o *reggae*, com a minha música tocar o coração das pessoas, trazendo uma vibração de luz, de paz, de amor, de alegria, de simplicidade no viver, mas também de querer conquistar, querer transformar o mundo, querer mudar o nosso próprio coração, para que a gente possa mudar

a realidade do mundo e do Brasil. Também levar diversão nos shows, por a galera para se divertir, pra curtir numa boa, pra conhecer pessoas especiais. Isso aí, *reggae* é vida pra nós.

Entrevista X

Paulo Pontes (Paulinho Nação) – vocalista da Banda Nação Regueira

- O que é o *reggae* pra você?

Paulo Pontes: O *reggae* é um estilo musical de origem Jamaicana. Foi reconhecido e divulgado através de grandes músicos jamaicanos e principalmente pelo que se tornou o rei do *reggae*, Bob Marley.

- Porque você escolheu o *reggae*?

Paulo Pontes: Eu escolhi o *reggae* primeiro pelas letras e estilo musical que tocava muito em campeonatos de surf no Ceará, em 1994, e um ano depois formei a Nação Regueira, sendo a segunda banda de *reggae* do Ceará. Antes tínhamos a Rebel Lion. Tenho o *reggae* como música de paz, amor e união. Gosto das mensagens e trago isso em minhas composições. Gostaria muito de ver o *reggae* sempre em alta. Mas o Brasil é muito rico e forte em vários estilos musicais e a mídia atual só investe no que está em evidência. Então , muda (sic) muito os sucessos e estilos todos os anos.

- Como você vê o cenário do *reggae* brasileiro atual?

Paulo Pontes: O cenário do *reggae* atual está crescendo e tendo uma luz no fim do túnel. Espero que melhore e que tenha empresários e produtores que invistam mais na cultura *reggae*. Muitas bandas estão voltando, outras novas surgindo, e isso é um bom sinal

Entrevista XI

Rodrigo Pratavieira – guitarrista da banda Maskavo

- Porque você escolheu o *reggae*?

Rodrigo Pratavieira: Escolhi o *reggae* porque me identifico. Gosto muito de rock, de música brasileira, mas acho que no *reggae* eu consigo de uma forma

mais fácil compor as músicas que eu faço aqui no Maskavo. É um estilo [com] que consigo com facilidade me expressar, compor, não só letras, mas os arranjos também. Eu escolhi o *reggae* pela facilidade que tenho em trabalhar com ele e me expressar com ele.

- O que você pretende com o *reggae*?

Rodrigo Pratavieira: Com o *reggae* eu pretendo expressar as minhas opiniões, as minhas músicas e pretendo que o Maskavo seja uma banda representante desse estilo, que as pessoas possam se lembrar da gente, da nossa música, do nosso *reggae*, depois que a gente for e não estiver mais aqui. O *reggae* é uma forma de se expressar e eu gostaria que fosse uma banda que fosse lembrada futuramente como uma expressão brasileira do *reggae*.

- Como você vê o cenário do *reggae* brasileiro atual?

Rodrigo Pratavieira: Atualmente o *reggae* se encontra no seu nicho, no seu canto. Existem inúmeras bandas trabalhando e viajando pelo país todo e tem um público que mantém essas bandas vivas, porque sem o público nenhuma banda existe. Então, acho que o *reggae* hoje em dia tá no seu lugar. Eu acho que podia ser maior, que podíamos ter mais espaço na mídia televisiva para fazer a cena ficar mais forte. Mas é um estilo que sempre tem as bandas de todas as gerações. A gente pode citar inúmeras bandas, de varias gerações que trabalham, que viajam e fazem a cena acontecer, fazem a cena ser o que é. Então vejo o *reggae* brasileiro como uma potência nacional de estilo, em que transitam muitos artistas. Então, acho que tem um futuro grande para o *reggae* brasileiro.